

A parte dilacerada do self
O efeito que os conflitos parentais
agudos e as separações parentais
ultraconflituosas têm sobre a criança¹

La part déchirée du soi
L'effet des conflits parentaux aigus et séparations
parentales ultra-confliktuelles sur l'enfant

Élodie Pagliaroli*

Tradução: Pedro Henrique Bernardes Rondon

Revisão da tradução: Regina Orth de Aragão

Resumo: Os conflitos parentais agudos e as separações parentais ultraconflituosas – frequentemente qualificadas como “dilacerantes” – hoje em dia têm invadido os dispositivos de Proteção da Infância. A partir da prática da autora como psicóloga clínica dentro de um serviço educativo em ambiente aberto, mas também da sua prática de psicoterapeuta psicanalítica como profissional liberal, este artigo põe em questão os efeitos que tais contextos traumatogênicos têm sobre a vida psíquica das crianças que são vítimas desses conflitos. Além do conflito de lealdade com o qual as crianças se defrontam, a autora analisa os vestígios desses conflitos parentais agudos na organização somatopsíquica dessas crianças, sendo seu corpo o portador dessas dinâmicas conflituosas. Vinhetas clínicas mostram os efeitos de dilaceração sobre os envoltórios do eu, apreendidos por meio de quadros sintomatológicos específicos. Esta abordagem psicanalítica mostra como a “parte dilacerada do eu” nessas crianças carrega o peso das marcas dos pais que se dilaceram perto delas.

Palavras-chave: Separação. Conflito. Dilaceração parental. Eu-pele. Função continente. Envelopes psíquicos. Proteção da infância.

¹ Nota da editora: O artigo foi publicado originalmente na revista *Dialogues, Familles & Couples*, dezembro 2022/4, número 238, Éditions Érès, Toulouse, França.

* Doutoranda em Psicologia na Universidade Lumière Lyon 2, CRPPC, psicóloga clínica na Proteção à Infância (SEMO ANEF Loire) com clínica privada.

Abstract: *Acute parental conflicts and ultra-conflictual parental separations – often described as parents tearing each other apart – have massively invaded the Child Protection systems. The article questions the effects of such traumatic contexts on the psychic life of the children who are victims of them, from the practice of the author as both a clinical psychologist in an Open Educational Service and a psychoanalytical psychotherapist in a private practice. Beyond the conflict of loyalty these children are confronted with, the author examines the traces of these acute parental conflicts in the somato-psychic organization of these children and, from a psychoanalytical standpoint, considers the body as the bearer of these conflict dynamics. The author relies on some clinical vignettes testifying the effects of tearing on the envelopes of the Self, apprehended through specific symptomatologic tables. In other words, the author adopts a psychoanalytic approach to study the torn part of the Self in children whose parents tear each other apart at the expense of the child.*

Keywords: *Conflictual separation. Parental tearing. Skin-Ego. Containing function. Psychic envelopes. Child protection.*

Résumé : *Les conflits parentaux aigus et séparations parentales ultra-conflictuelles – souvent qualifiées de « déchirantes » – ont aujourd’hui massivement envahi les dispositifs de Protection de l’enfance. Cet article interroge les effets de tels contextes traumatogènes sur la vie psychique des enfants qui en sont victimes à partir de la pratique de psychologue clinicienne de l’auteure au sein d’un service éducatif en milieu ouvert, mais aussi de psychothérapeute psychanalytique en libéral. Au-delà du conflit de loyauté auquel sont confrontés ces enfants, l’auteure analyse les traces de ces conflits parentaux aigus dans l’organisation somato-psychique de ces enfants, leur corps étant porteur de ces dynamiques conflictuelles. Des vignettes cliniques témoignent des effets de déchirure sur les enveloppes du Soi, appréhendés au travers de tableaux symptomatologiques spécifiques. Cette approche psychanalytique montre comment la « part déchirée du soi » chez ces enfants porte les traces des parents qui se déchirent sur leur dos.*

Mots-clés: *Séparation. Conflit. Déchirure parentale. Moi-peau. Fonction contenantante. Enveloppes psychiques. Protection de l’enfance.*

INTRODUÇÃO: OS PAIS QUE SE DILACERAM

Os conflitos parentais agudos e as separações parentais hiperconflituosas progressivamente invadiram os diferentes dispositivos de Proteção à infância nos quais trabalho há muitos anos, problemáticas que com frequência fazem com que os assistentes sociais encarregados do acompanhamento das famílias dentro de um enquadramento administrativo – e muitas vezes também judiciário² – se sintam impotentes. Constitui um dos objetivos deste trabalho compreender melhor aquilo que essas crianças vivem quando se vêm reféns em tais situações, tornar visível seu sofrimento, a fim de apoiar, além do trabalho terapêutico junto a elas, os dispositivos de acompanhamento educativo e as decisões judiciais o mais próximo possível das necessidades dessas crianças.

De que maneira a dilaceração do casal parental vem invadir o psicossoma da criança? De que maneira esses conflitos agudos têm impacto sobre seu *self*³ e criam zonas de dilaceração no envelope psíquico desses sujeitos? Como é que essas crianças podem se sentir contidas por uma pele psíquica, reunidas em torno de uma coluna vertebral parental, quando o *envelope parental de casal*⁴ se rasga e perde sua função de continente? Esses questionamentos emergem de minha prática e constituem objeto da minha tese⁵. Meus trabalhos evidenciam o impacto dessas violências insidiosas, frequentemente banalizadas, pelo lado da dilaceração, mas também do aniquilamento do *self* – as crianças envolvidas muitas vezes se sentem esquecidas, não fazem parte da preocupação parental.

Minha clínica, dessa maneira, me conduziu pouco a pouco a construir a hipótese de que uma falha da função continente parental teria repercussões sobre o envelope psíquico da criança. Os danos aos envelopes psíquicos podem se revelar em determinadas crianças através de distúrbios somáticos específicos que envolvem a função continente da pele (eczema, alopecia, urticária crônica) ou então envolvendo o corpo de maneira comportamental (escarificações, tricotilomania numa menininha que arranca seus cabelos, entre outras automutilações). Em outras crianças, essas falhas nos envelopes psíquicos apa-

² O serviço é encarregado da aplicação de medidas de auxílio educativo em ambiente aberto e de auxílios educativos administrativos.

³ O *self* vai ser encarado como o conjunto do espaço psíquico; o *self* como cobrindo o “conjunto da personalidade” (KLEIN, 1959, p. 100). Didier Anzieu destaca que o *self* “envolve o eu” (1990, p. 91) e Winnicott encara o *self* como *continuidade de ser*.

⁴ Com base em Patrice Cuyvet (2001).

⁵ Tese em curso, orientada por Albert Ciccone na Universidade Lumière Lyon 2.

recidas em contextos conflituosos extremos se exprimem por meio de distúrbios do comportamento: agitação “segunda pele” (BICK, 1968/1998), por exemplo, no caso de uma criança que é dita hiperativa, ou em outras ainda por distúrbios do pensamento (eu-pele peneira, por exemplo, numa criança que apresenta distúrbios de aprendizagem, especialmente o fato de “ não reter nada”). São tantas as modalidades de expressão da dilaceração interna do sujeito, de *parte dilacerada do self*, que não tenho como abordar todas aqui.

De um ponto de vista metodológico, o apoio principal da obtenção dos meus dados se baseia numa observação clínica atenta – sustentada pelo método de observação segundo Esther Bick no qual eu me formei – de uma dezena de crianças de 3 a 16 anos, acompanhadas psicologicamente num prazo mais ou menos longo num serviço educativo em ambiente aberto ou em psicoterapia num enquadre liberal, maciçamente expostas a tais contextos.

Em cada uma das situações evocadas neste artigo, a constituição inicial do envelope psíquico é de qualidade e o contexto não particularmente carencial nem traumatogênico, a não ser a dinâmica conflituosa dentro do casal. Se é difícil afirmar que os sintomas e manifestações clínicas observados possam ser inteiramente imputados à separação e aos conflitos agudos, a anamnese de o momento em que o casal parental ficou mais unido e se comunicou levando em conta o interesse da criança, como também, em contrapartida, um agravamento quando os contextos voltavam a se tornar agudos.

A função continente do “objeto-casal”

“Somos tecidos antes de sermos nascidos”, dizia André Ruffiot (1981). Entretanto, algumas vezes esse tecido se rasga... Podemos pensar que para crescer bem, uma criança precisa que exista uma malha relacional de qualidade entre seus pais: malha que quando é macia, firme e sustentadora, garantiria junto à criança (talvez mesmo em torno desta) uma função continente que lhe permitiria interiorizar pouco a pouco um *objeto-casal* continente, instalado no fundo dela mesma.

A função continente

A ideia de uma função continente atravessa a obra de Freud (1920/1983) do lado de uma função de *para-excitação* que garante proteção e filtro ante excita-

ções provenientes do mundo exterior. Para Winnicott (1962/1983) essa função é correlata à interiorização das funções de *holding*, “maneira de carregar e manejar o lactente” e de *handling*, “maneira de cuidar” (*Ibid.*, p. 13) que dependem da qualidade dos “cuidados maternos” e de onde decorrem respectivamente as funções de *manutenção* e *continência* do eu-pele (ANZIEU, 1985/1995). Em Bion (1962-1997) é o modelo da função *alfa* que preenche essa função continente pela introjeção de um aparelho de pensar os pensamentos interiorizados pouco a pouco em elo com a *capacidade de rêverie* da mãe que acolhe, contém e transforma os elementos *beta* provenientes do bebê para devolvê-los sob uma forma mais assimilável. Essas noções são correlatas à noção de “pele psíquica” de Esther Bick (1968/1998), o objeto continente sendo então vivido como uma pele. Para Didier Houzel (1994, p. 31) essa pele é “um processo de estabilização de dependências pulsionais e emocionais que permite a criação de formas psíquicas dotadas de estabilidade estrutural”. Enfim, Denis Mellier (2005) define a função continente como uma posição psíquica que permite receber e transformar sofrimentos muito primitivos.

Função continente e envelope psíquico

Segundo Didier Houzel, é no seio de um envelope que se desdobra essa função continente. Para esse autor, a integração da bissexualidade psíquica é uma condição para o desenrolar da função continente do envelope psíquico com solidez e resistência pelo lado das funções paternas, e com receptividade e leveza pelo lado das funções maternas (HOUZEL, 1987, 1999/2010, 2005/2010). A integração da bissexualidade é primária (HAAG, 1997; TUSTIN, 1981/1986). Essa integração é essencial para a função continente e delimitante dos envelopes psíquicos. A bissexualidade primária (sob a forma de bissensualidade) vai tomar formas secundarizadas distribuindo-se sobre as imagens internas dos pais e da ligação entre eles. As próprias funções parentais pouco a pouco são interiorizadas enquanto casal parental interno estruturante, *objeto-casal* continente.

Função continente e “objeto casal”

Se em Melanie Klein (1928/1968, 1932/1978) a imagem dos “pais combinados” é uma figura persecutória que mobiliza inveja, ódio e movimentos destrutivos,

Donald Meltzer (1976/2004) traz a imagem positiva e estruturante de um “objeto interno combinado” e Salomon Resnik (1994) a de “pais combinados bons”, um objeto interno que articula as funções maternas e paternas. O processo de interiorização da bissexualidade psíquica e de internalização de um *objeto interno suporte* (CICCONE; LHOPITAL, 2001) sustentando a identidade do sujeito se apoia em objetos reais (o casal parental) mas especialmente tal como eles são interiorizados pela criança (o objeto casal parental interno). Portanto, nós postulamos uma função continente desse *objeto casal* como função internalizada cujas qualidades estariam em parte ligadas ao ambiente e à experiência vivida. Como Albert Ciccone (2001) lembra, para construir uma bissexualidade psíquica suficientemente harmoniosa, a criança precisaria – entre outras coisas – encontrar na realidade uma afinação suficientemente harmoniosa entre suas figuras parentais. Esse autor destaca a importância de que para “a articulação interna da biparentalidade” que lhe é correlata e para a interiorização de um bom *objeto apoio* no interior de si mesmo, o sujeito o tenha previamente “encontrado suficientemente do lado de fora” (CICCONE, 2001, p. 179).

Na continuidade dessas articulações primárias caberá também às funções parentais articular-se de maneira suficientemente harmoniosa em torno da criança para manter essa função continente, coesiva, que a ajuda a crescer, a se manter consistente e suficientemente contida, do mesmo modo que os aspectos “pele” e “coluna” se combinam dentro do eu-pele (ANZIEU, 1985/1995). A respeito dessa pele psíquica primária que toma a forma de um eu-pele, a clínica me levou a pensar que à medida que a criança cresce, essa será também função do “envelope de casal parental” contribuir para nela consolidar o sentimento de ser uno, firme, que se sinta “(bem) em sua pele”, com todas as vicissitudes dessa função continente nessas situações eminentemente conflituosas entre os pais reais.

O ENVELOPE CASAL PARENTAL

“Um corpo para dois”

Patrice Cuynet (2001, p. 23) definiu o *objeto casal parental* como “o espaço fantasmático do corpo-psiquismo comum” a cada um dos membros do casal. Se para André Ruffiot (1984, p. 120) “o amor é uma tentativa de inscrição de

dois corpos num psiquismo único”, Patrice Cuynet (2001, p. 25) propõe que “a criança concretiza a ilusão simbiótica de inscrever dois corpos num mesmo psiquismo”. “O ‘objeto-casal’ pode ser compreendido como uma representação psíquica delimitada por uma pele comum apoiada no corpo a corpo dos amantes. Na dilaceração odienta, a expressão ‘vou arrancar a tua pele’ adquire então toda a sua significação. Os dois protagonistas arrancam a pele comum que continha seu “objeto-casal” (*Id., ibid.*, p. 26). Nesse combate é também a criança que concretiza essa ilusão simbiótica que eles disputam, se arrancam (sua pele, os cuidados que devem a ela, seu corpo frequentemente tomado como refém assim como outros objetos que a representam, como a escola ou suas atividades).

André Ruffiot (1984) descreve “uma inscrição do registro do originário no fenômeno amoroso”, que no desamor passa do “tudo amor” ao “tudo ódio”. Para este autor a queixa e a demanda dos casais cuja ligação está em sofrimento e que entram em terapia poderiam ser formuladas da seguinte maneira: “Nós sofremos no nosso eu de casal, nessa parte de nós mesmos que é o outro. Ajude-nos ou a restaurar a fusão de nossos dois aparelhos psíquicos, ou a separar sem excesso de dilaceração essas duas partes siamesas que eram uma só. Nós desejamos ou reconstituir o envelope que nos continha os dois, ou desconstituí-lo sem danos” (RUFFIOT, 1984, p. 139).

Podemos, portanto, considerar a função continente do “objeto-casal” como estando posta em perigo pela dilaceração do “envelope casal” nas situações de conflitos parentais agudos. Didier Houzel (1999, p. 66) destaca a necessária mediação das relações com um e outro dos pais para introjetar esse “objeto-casal” como continente. Esse autor postula, além disso, a questão seguinte num contexto de desarmonia parental: “A impossibilidade de integrar as duas funções materna e paterna não seria a fonte da dilaceração do envelope familiar?” (*Id., ibid.*, p. 72). Depois de ter considerado de que maneira – quando as coisas se passam bem – a função continente do objeto casal é operante, nós vamos dedicar-nos então à falha da função continente desse mesmo objeto.

Dilaceração e falha da continência

Patrice Cuynet (2001) aborda o *envoltório de casal parental* dilacerado como sendo aquele que não mais assegura sua função continente. Segundo ele, nos contextos de divórcio conflituoso, a criança seria chamada a assumir o encargo

de uma função de “porta-despojo”: a criança então vestiria uma “pele-de casal-parental” corrosiva, rasgada, que não proporciona mais sua função protetora, continente e para-estimulante. “No divórcio a criança é o representante do objeto-casal idealizado e falecido. Para negar a perda do casal, a criança se veste com os brilhos falsos, suas aparências ilusórias, torna-se o continente e o conteúdo desse envoltório psíquico de sofrimento. A criança sofre no lugar de um casal que não quer morrer. E se seus pais se dilaceram mutuamente por causa dela, é que cada qual deseja carregar consigo a pele do casal como um troféu que denegaria a perda, o vazio” (*Id., ibid.*, p. 27). Esse envelope corrosivo pode pôr à prova sua integridade, como vamos ilustrar adiante.

De “tê-lo(a) na pele” a “vou arrancar a tua pele”...

Uma educadora do serviço educativo em ambiente aberto no qual eu trabalho, um dia me solicita para que receba uma menininha que sofria de eczema num contexto familiar hiperconflituoso. Ela comenta: “Ao mesmo tempo não é de espantar, ela vive metida nisso desde muito pequena!”. A imagem da criança mergulhada nesse banho tóxico parental, com a pele roída por esse contexto patogênico, me parece então muito evidente... É frequente que ouçamos falar dessas crianças “dilaceradas” no ambiente das separações mais conflituosas. Assim também, o que haverá de mais revelador do que uma declaração de uma criança de uns 10 anos de idade: “A gente se divorciou quando eu tinha dois anos”, ou a desta outra, Marsyas⁶, de oito anos: “Quanto a mim, eu me separei quando tinha três anos e meio”. A escolha de seu prenome, Marsyas, evidentemente não é casual: eu o escolhi em referência ao suplício que Apolo fez esfolar vivo por tê-lo desafiado: ele o pendurou num prego pela pele e este prego o esvaziou de seu sangue.

“Eu me separei aos três anos e meio”

Recebi Marsyas uma única vez para oferecer um esclarecimento mais preciso acerca de seu funcionamento psíquico em seguida a uma solicitação da escola,

⁶ Todos os nomes foram modificados em respeito à confidencialidade.

num contexto notavelmente conflituoso entre seus pais, ambos professores, que mantinham a guarda compartilhada – conflito instigado sobretudo pela mãe, muito virulenta e tenaz no combate, o pai parecendo mais passivo, maltratado. A informação foi de que a criança era um bode expiatório frequentemente importunada pelos colegas. Marsyas é um menininho ansioso, magrinho, frágil, de tez pálida deixando visíveis as suas veias. Eu me dirijo a ele como me dirigiria a uma criança muito pequena, reduzindo o timbre da minha voz.

Marsyas me explica que está entrando em CE2 e está mudando de escola em consequência de dificuldades importantes com as outras crianças. Ele não tem amigos, e os outros “batem nele”. Relata que a professora “cuida dos seus machucados com cubos de gelo”. Diz que “ficou com as costas todas dilaceradas e sua roupa também, em cima de uma grade”. Repete diversas vezes que se fez “esmagar”. À medida que evoca os camaleões e outros mantras religiosos pelos quais é apaixonado, ele toca seu pé e evoca, num tom queixoso, um *dodói* que tem no seu arco plantar e uma cicatriz. Ele me explica que pisou num prego que atravessou sua havaiana de praia e furou seu pé durante as férias que passou com a mãe. A propósito da separação de seus pais, ele me explica que tinha “três anos”. A guarda compartilhada foi estabelecida em seguida à separação. Uma semana na casa de um, uma semana na casa do outro. Determina com precisão que sabe que idade tinha graças à sua “cicatriz”, consequência de um acidente no qual ele ficou com “a pele dilacerada”. “A cabeça toda aberta”, explica ele, mostrando para mim a arcada, até a parte de trás da cabeça. E me explica que “ficou com a cabeça explodida contra o banco da mamãe que estava dirigindo”. E conclui: “Quanto a mim, eu me separei com três anos e meio. É graças a isso que eu me lembro. Tinha sangue pra todo lado. Mamãe estava coberta com o meu sangue” Acrescenta que seu pai veio vê-lo no hospital: “O acidente aconteceu com a mamãe, mas o papai veio”. Depois disso, à medida que evoca de maneira animada outras lembranças que lhe ocorrem, ele evoca novamente em tom queixoso, dolorido, o buraco na camiseta e suas costas que sangravam na escola... Para terminar, ele me disse que vive “mal” a guarda compartilhada quando eu o interrogo sobre esse assunto. E me confia, quase sem fôlego, que gostaria de viver “com papai e mamãe”.

À saída desse encontro único com Marsyas, eu própria me sinto como que machucada por todas essas imagens de efração no corpo. As imagens que ele traz alimentam representações de um eu-pele dilacerado, arrombado e que não cumpre mais seu papel de proteção nem de para-excitação. Podemos escu-

tar de maneira ruidosa o quanto – poderíamos dizer – a separação parental “separa”, “dilacera”, “o atravessa” (ANZIEU, 1987). A separação, Marsyas nos diz, é o mesmo que “sofrer um acidente”. Escutamos o colapso entre os dois acontecimentos traumáticos particularmente graves dos quais ele traz uma cicatriz no rosto e outra nas profundezas de si mesmo. Assim, seu corpo é o lugar de uma metáfora daquilo que a separação lhe fez viver no plano psíquico; corpo, sobre o qual ele projeta a violência do conflito parental. “Quanto a mim, eu me separei quando tinha três anos e meio”. ... Escutamos a dilaceração que essa separação lhe infligiu, mas também o quanto ela o deixou vulnerável. Ele não se sente mais protegido, entregue a carrascos. Ele parece identificar-se à passividade de seu pai, maltratado pela mãe que se envolve em múltiplas iniciativas (demandas de opiniões médicas, apresentação de queixas por violência...) para ter a guarda completa de seu filho – e tornar a fazer “pele-comum” com ele (ANZIEU, 1990, p. 60)? Marsyas revela toda a insegurança que vive em suas relações com os outros, o quanto sente falta de um objeto interno que o proteja. Além disso, quando insiste no fato de que o “acidente aconteceu com a mamãe, mas o papai veio”, podemos escutar que essa reunião dos objetos parentais à volta dele nessa ocasião seria como vir juntar, suturar aquilo que ameaça despedaçar-se em seu mundo interno.

Enfim, a violência daquilo que Marsyas conta de suas numerosas feridas – feridas psíquicas deslocadas em larga medida sobre a cena corporal – lembra as sevícias masoquistas evocadas por Didier Anzieu (1984/2007, 1990): “É o fantasma do ‘corpo esfolado’ que subtende a conduta do masoquista” (ANZIEU, 1984/2007, p. 152). As cenas que Marsyas descreve: “as costas todas dilaceradas, inclusive as minhas roupas, em cima de uma grade” ou “A havaiana de praia e o pé furados por um prego” ecoam estranhamente a cena da mitologia grega na qual Apolo pendura Marsyas num prego e o esfolo vivo.

Dessa maneira, podemos escutar as feridas corporais reveladas por Marsyas como outras tantas metáforas do vivido afetivo que é o seu: ter pais separados que se dilaceram a esse ponto, é encontrar-se com um envelope psíquico rompido que o deixa inteiramente vulnerável.

Um sofrimento automutilante

Acompanhei Loan dos sete anos aos nove anos, dois encontros por mês, algumas vezes semanalmente. Sua mãe exprime, no cerne de conflitos parentais

exacerbados nos quais ela se esgota, o quanto sofre angústias existenciais, não podendo suportar nenhum movimento de separação-indivuação de seus filhos, sobre os quais exerce um domínio que assume uma dimensão demoníaca, domínio às vezes vingativo, em luta contra seu próprio aniquilamento. A mãe de Loan projeta sobre seu filho suas próprias angústias de “pele comum arrancada”. Ela diz também “em carne viva” que seu filho não pode se descolar dela (para ir em direção ao pai), projetando sobre ele uma problemática de eczema (que nunca chegou a ser confirmada), repreendendo o pai insistentemente por não utilizar em Loan “um bom gel para banho”, e não para de lamentar que o pai “lhe devora a pele”. À medida que o conflito entre os pais atinge seu ápice, é pela via da automutilação que Loan parece projetar a violência do conflito parental sobre seu corpo. Ele se põe a lacerar suas pernas. Como diz Catherine Matha (2006, p. 178) “A escarificação é uma dilaceração inscrita no real da superfície cutânea”. Ademais, o recurso às escarificações parece exprimir, por meio da imagem de um corpo lacerado, a esfoladura que os conflitos entre os pais infligem a essas crianças e adolescentes no plano psíquico. É importante mostrar com precisão que esses sintomas apareceram após uma exposição intensa a conflitos inextricáveis e ainda que um elemento de causalidade evidentemente seja difícil de estabelecer com certeza, temos suficientes razões para pensar que tais sintomas podem ser imputados a esses conflitos (sintomas que aparecem em seguida aos conflitos, podendo se acentuar nos períodos mais conflituosos ou se atenuar nos períodos de acalmia).

Ainda nos lembramos de Salomé⁷, a qual sofria de um *abandonismo* maciço num contexto de guarda compartilhada alternada desde seus treze meses sem nenhuma comunicação parental. Essa menininha – que acompanhei durante dois anos a cada quinze dias (dos três aos cinco anos), algumas vezes uma vez por semana, sozinha e em grupo – apresentava importante inflamação na região da zona perioral pelo fato de que se lambia permanentemente de maneira automutilatória. Eu fiquei impressionada com a imagem de um arrancamento simbólico da boca dessa criança em relação ao seio materno, no contexto novamente do fantasma de “pele comum arrancada”. O objeto materno ausente parecia assumir dimensão retaliativo-corrosiva através de um leite-saliva ácido que lhe esfolava a boca; leite-saliva que também era convo-

⁷ Relacionado com o julgamento de Salomão. A clínica dessa situação em parte já está publicada na obra *Les traces des expériences infantiles* (Os vestígios das experiências infantis) através do caso de Dylan, seu irmão (PAGLIAROLI, 2018, p. 107-109).

cado de maneira compulsiva visando satisfações orais e autocontenção.

A imagem do *gel para banho “que lhe devora a pele”* certamente contribui para lembrar da túnica envenenada de Nessos: “envoltório maléfico que, aquecendo-se, destila seu veneno e ataca a pele”, conforme também comentou Didier Anzieu (1984/2007, p. 161). Neste mito grego, Déjanire, que duvida da fidelidade de Hércules, utiliza o filtro de amor que o centauro Nessos lhe confiou, e do qual era esperado que lhe garantisse a fidelidade dele, contanto que ela deixasse uma das roupas dele de molho, e ela fez isso. Na realidade, a túnica envenenada por essa mistura de sangue e esperma de Nessos, queima a pele de Hércules. Na tentativa de arrancar essa túnica, Hércules arranca os farrapos de sua própria carne. “Prefiro te envenenar e queimar com a minha pele que não amas mais, do que permitir que ames outra pessoa”, segundo a leitura proposta por Didier Anzieu (*Id., ibid.*, p. 161-162). Para Anzieu é sempre da pele da mãe que se trata, tingida pela ambivalência proteção-corrosão: “Fica colado em mim, se não eu te arranco a tua pele; eu te interdito de viver tua vida fora de mim e, se o fizeres, serás esfolado vivo durante toda a tua vida” (*Id., ibid.*, p. 162).

O escudo protetor

Tom, de onze anos de idade sofre de importante problemática de eczema surgida depois da separação de seus pais tendo seus cuidados corporais ficando totalmente infestados pelo conflito parental. O menino parece exprimir, pela via/voz da pele, a irritação e a dilaceração interna que esses conflitos incessantes lhe infligem. Tudo é pretexto para o conflito. Tanto um como o outro pegam como reféns tudo aquilo que seja importante para as crianças. Toda a “maleta do domingo à noite” entra nisso! Para o pai, o casaco enviado pela mãe não é bastante quente. “É preciso comprar um!”, responde a mãe; o pai reage então dizendo que “paga uma pensão” Ele a critica por não ter posto um boné nas crianças, ou um casaco próprio para chuva. Quando a mãe o repreende por não aplicar o creme para a pele sensível das crianças, ele reclama que ela não forneceu o tal creme, etc. Ela o acusa de não respeitar o protocolo de “um banho de chuveiro dia sim dia não”: segundo ela, que o pai, ou não deu banho nas crianças durante todo o fim de semana, ou deu banho todos os dias.

Quando recebo Tom numa entrevista ele me explica o quanto tudo é complicado entre papai e mamãe e entre mamãe e Marie, sua madrastra. Em se-

guida me explica que às vezes isso o faz ter uma coceira. Papai e Marie põem um creme na maleta. Papai dá um creme, mas era preciso lhe devolver. Mamãe devolve o creme do pai e põe o seu creme na maleta. Marie joga fora o creme que mamãe lhe dá e que ela diz que não serve para nada. Por causa disso, mamãe não põe mais o creme na maleta. Marie se enerva e diz coisas horríveis sobre a mamãe porque não encontra o creme na maleta. Eu fico perdida no meio desses paradoxos, porém escuto sobretudo o quanto esse creme, que serviria para cuidar dele, o irrita cada vez mais! A propósito, ele se coça freneticamente o cotovelo à medida que me conta tudo isso. Escuto também que a continuidade dos cuidados é gravemente atacada. Depois Tom me conta que tem noites sempre muito agitadas com sonambulismo. Uma noite saiu correndo de um lado para outro gritando “Me dá um escudo! Rápido, antes que ele nos pegue! Os soldados estão chegando!” (A cena também foi relatada pela mãe dele).

Desse modo, os conflitos que Tom interiorizou parecem exprimir-se de maneira dermatológica sob a forma de uma irritação exacerbada, uma ansiedade importante, distúrbios do sono, terrores noturnos muito angustiados, seguidos de uma alopecia enquanto não havíamos conseguido conter a situação e apaziguar toda essa agitação, todos esses conflitos e a instrumentalização feita de somatizações das crianças. Ter pais que discutem entre si e, ainda mais “nas costas da criança”, é como ser assaltado por uma invasão de soldados. Tom procura um escudo para se proteger, uma carapaça, talvez uma armadura, que acalmasse toda essa irritação-excitação. São seus envelopes psíquicos que parecem estar sendo roídos pela dimensão abrasiva de todos esses conflitos, à semelhança, novamente, da túnica de Nessos, sendo a criança “envolvida pela pele do casal’ [...] uma pele de sofrimento [...] um envelope marcado pelo negativo” (CUYNET, 2001, p. 26) que lhe rói o corpo. Além disso, os cremes suavizantes se tornam atos ainda mais irritantes sem que os pais pareçam ter discernimento suficiente para se dar conta disso – apesar de terem bom nível socio-intelectual – nem poder conter seus próprios movimentos alérgicos de um em relação ao outro.

A história de Jason e da túnica assassina da esposa enciumada nos traz novo apoio para pensar um eu-pele destruído ou destruidor: “O destino sucessivamente triunfante e trágico de Jason apresenta um exemplo típico de uma pele sucessivamente protetora e destruidora” (ANZIEU, 1984/2007, p. 160). Se Medeia protegeu Jason dando-lhe um bálsamo que o torna invulnerável ao fogo com o qual ele revestiu seu escudo e seu corpo, é também ela,

enciumada – quando ele se cansa dela para desposar Creusa – que embebe de veneno um vestido e joias que manda seus filhos levarem à sua rival. Basta que ela vista isso e coloque as joias e ela se incendeia, juntamente com seus próprios filhos (*Id., ibid.*, p. 161).

A medida de Proteção da Infância que se exerce junto a Tom e a seus pais – aliando intervenção educativa e espaço de apoio psicológico para Tom a cada quinze dias durante cerca de dois anos – tenta restabelecer uma “função *stop*” visando restaurar determinados limites e barreiras para-estimulantes contra os conflitos parentais, essenciais para a proteção da vida subjetiva da criança. Essa articulação do nosso trabalho conjunto psicoeducativo dentro de um serviço se insere numa lógica transdisciplinar ante uma trama parental falha. Isso vem reunir a realidade daquilo que a criança vive com o impacto que tem sobre sua vida psíquica. A instauração de uma “zona de derivação do conflito parental” visa reduzir o mais rápido possível a pressão em cima da criança. O assistente social se certifica de que as necessidades fundamentais da criança estejam sendo levadas em conta, remobiliza o pai/mãe no adulto e ajuda-lhe a dissociar melhor o conflito conjugal de suas responsabilidades parentais. Paralelamente, a intervenção do psicólogo vem oferecer à criança um espaço de tratamento para a elaboração de suas vivências subjetivas, às vezes durante vários anos, como nos casos de Tom, Loan e Salomé.

EM CONCLUSÃO: DA DILACERAÇÃO À SUTURA

Esses exemplos clínicos⁸ permitiram que ilustrássemos uma parte dos aspectos “pele” (“despedaçados”, poderíamos dizer) de nosso trabalho de pesquisa, sensível aos quadros sintomatológicos dessas crianças que parecem exprimir, por meio do recurso a essa “voz”, a incorporação da ferida infligida por tais conflitos parentais nos quais estão implicadas; como se essas crianças (e muitas outras), tentassem fazer ouvir o quanto, no momento em que o objeto-casal parental se separa dessa maneira, partes de sua vida psíquica também se dilaceram como o objeto-casal dilacerado-dilacerante. Igualmente, se para alguns “isso se dilacera”, “isso fica reduzido a migalhas”, “isso se arranca”, para outros, apoiando-se nas noções de significantes formais (ANZIEU, 1987) e de picto-

⁸ Que constituem exemplos clínicos bastante representativos daquilo que tantos outros vivem num número bem maior de sujeitos.

gramas (AULAGNIER, 1975), “isso faz um redemoinho”, “isso desmorona”, talvez mesmo “isso escorre”.

A clínica de algumas dessas crianças, as quais algumas vezes pude acompanhar durante longos anos, permitiu-me estar em contato com o trabalho psíquico importante que podiam desenvolver num espaço terapêutico para se recompor, suturar seu self ou ainda, especialmente por meio de um investimento particular de meio maleável (muitas vezes a massa de modelar), se recuperar seu corpo ou outros objetos de investimentos específicos. Entretanto, é também na cena transferencial-contratransferencial que se desdobra esse trabalho psíquico de recomposição, de sutura, de articulação, de acoplamento, numa tentativa de simbolização desses vividos, talvez mesmo, para alguns, até uma apropriação subjetiva desses vividos de dilaceração.

Élodie Pagliaroli

elodiepagliaroli@free.fr

Referências

AULAGNIER, P. *La violence de l'interprétation. Du pictogramme à l'énoncé*. Paris : PUF, 1975.

ANZIEU, D. 1984. La peau de l'autre, marque du destin. In: _____. (Org.). *Psychanalyse des limites*. Paris: Dunod, 2007. p. 151-164.

_____. 1985. *Le moi-peau*. Paris : Dunod, 1995.

_____. Les signifiants formels et le Moi-peau. In: _____. (Org.). *Les enveloppes psychiques*. Paris: Dunod, 1987. p. 1-22.

_____. *L'épiderme nomade et la peau psychique*, Paris: Apsygée, 1990.

BICK, E. 1968. L'expérience de la peau dans les relations d'objet précoces. In: Williams, M. H. (Org.). *Les Écrits de Martha Harris et d'Esther Bick*. Larmor-Plage, Éditions du Hublot, 1998, p. 123-127.

BION, W. R. 1962. Une théorie de l'activité de pensée. In: *Réflexion faite*. Paris: PUF, 1997. p. 125-135.

CICCONE, A. Enveloppe psychique et fonction contenante: modèles et pratiques. *Cahier de psychologie clinique*, 17, 2, p. 81-102, 2001.

_____. *La psychanalyse à l'épreuve du bébé*. Paris: Dunod, 2014.

CICCONE, A; LHOPITAL, M. *Naissance à la vie psychique*, Paris: Dunod, 2001.

CUYNET, P. 2001. « Les oripeaux du couple dans le divorce "J'aurai ta peau" », *Dialogue*, 151, 21-27.

FREUD, S. 1920. Au-delà du principe de plaisir. In: *Essai de psychanalyse*. Paris: Gallimard, 1983. p. 41-116.

HAAG, G. Contribution à la compréhension des identifications en jeu dans le moi corporel. *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 20, p. 104-125, 1997.

HOUZEL, D. Le concept d'enveloppe psychique. In: ANZIEU, D. (Org.). *Les enveloppes psychiques*. Paris: Dunod, 1987. p. 23-53.

_____. 1994. Enveloppe familiale et fonction contenante. In: ANZIEU, D. *et al. Émergences et troubles de la pensée*. Paris: Dunod, 2000. p. 27-40.

_____. 1999. *Les enjeux de la parentalité*. Toulouse: Érès, 2010.

_____. 2005. *Le concept d'enveloppe psychique*. Paris: In Press, 2010.

KLEIN, M. 1928. Les stades précoces du conflit œdipien. In: *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1968. p. 229-241.

_____. 1932. *La psychanalyse des enfants*. Paris: PUF, 1978.

_____. 1959. Les racines infantiles du monde adulte. In: *Envie et gratitude*. Paris: Gallimard, 1968. p. 95-117.

MATHA, C. Le sang amer de la déchirure. *Psychologie clinique et projective*, 12, p. 55-189, 2006.

MELLIER, D. *Les bébés en détresse*, Paris: PUF, 2005.

MELTZER, D. 1976. *Un modèle psychanalytique de l'enfant-dans-sa-famille-dans-la-communauté*. Paris: Editions du Collège, 2004.

PAGLIAROLI, E. Écho aux propos d'Asha Phillips. In: CICCONE, A. (Org.). *Les traces des expériences infantiles*. Paris: Dunod, 2018. p. 99-114.

RESNIK, S. *Espace mental*. Toulouse: Érès, 1994.

RUFFIOT, A. *La thérapie familiale psychanalytique*, Paris: Dunod, 1981.

_____. Le couple et l'amour: de l'original au groupal. In: *La Thérapie psychanalytique du couple*. Paris: Dunod, 1984. p. 85-145.

TUSTIN, F. 1981. *Les états autistiques chez l'enfant*. Paris: Le Seuil, 1986.

WINNICOTT, D. W. 1962. Intégration du moi au cours du développement de l'enfant. In: *Processus de maturation chez l'enfant*. Paris: Payot, 1983. p. 9-18.